

**GÊNESE E ESTRUTURA DE “IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO”,
DE LÊNIN**

**GÉNESIS Y ESTRUCTURA DE “EL IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DEL
CAPITALISMO”, DE LENINE**

THE MAKING OF LENIN’S IMPERIALISM

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i2.42024>

Marina Machado Gouvêa¹

Resumo: Parafraseando Roman Rosdolsky, este artigo propõe considerações acerca da gênese e estrutura de *O imperialismo, fase superior do capitalismo*, de Lenin, a partir de sua relação com o método materialista histórico-dialético. Por que motivo o texto de Lenin tem a estrutura que tem e qual é seu principal significado político são as questões aqui abordadas.

Palavras-chave: Lenin. Imperialismo. Materialismo histórico-dialético. Marxismo. Desenvolvimentismo.

Resumen: Parafraseando a Roman Rosdolsky, este artículo hace consideraciones sobre la génesis y la estructura de *El imperialismo, fase superior del capitalismo*, de Lenine, partiendo de su relación con el método materialista histórico-dialético. Por qué el texto de Lenin tiene la estructura que tiene y cuál es su principal significado político son las cuestiones a las que aquí nos acercamos.

Palabras clave: Lenine. Imperialismo. Materialismo histórico-dialético. Marxismo. Desarrollismo.

Abstract: Mimicking Roman Rosdolsky, this paper approaches the making of Lenin’s *Imperialism, the highest stage of capitalism*, from its relation to the historical-dialectical materialist method. Why does Lenin’s text has the structure it has and what is its main political relevance: these are the questions we deal with here.

Keywords: Lenin. Imperialism. Historical-dialectical materialism. Marxism. Developmentalism.

Este é um texto de reivindicação da herança de Lenin, a 150 anos de seu nascimento.

A disputa sobre a existência e caracterização do imperialismo é um eixo dos projetos e processos de transformação societária desde o fim do século XIX. E passa inevitavelmente pela obra e herança política de Lenin.

Apesar disso, *com frequência a visão leniniana do imperialismo é mal compreendida*. Em especial, entendendo-o como se este fosse um elemento *externo* aos países dependentes, que se impõe de fora para dentro – ou como uma fase do desenvolvimento capitalista atingida apenas por alguns países (e por outros não). É comum também a apreensão (já amplamente criticada) de que ‘capitalismo monopolista’ se refere à ausência de concorrência no mercado. Ou a noção de que o mais central na formulação de Lenin seria

que, no imperialismo (assim entendido), os superlucros adviriam de preços de monopólio fixados acima dos preços de produção.

Tais aceções levam a terríveis erros políticos. Levam à posição de que seria possível romper com o imperialismo a partir de uma política nacionalista, esvaziando o debate sobre o caráter de classe da mesma. Levam ao entendimento de que seria possível romper progressivamente com o imperialismo dentro do capitalismo. Ou, ainda, de que o problema principal é o capitalismo *monopolista*, no qual haveria ausência de concorrência (mesmo que daí nem sempre decorra a defesa de que é possível voltar atrás, para um hipotético capitalismo ‘não-monopolista’).

Ainda quando não explicitadas, estas apreensões equivocadas fundamentam muitas das análises de conjuntura que informam opções táticas e estratégicas das principais organizações da esquerda latino-americana e caribenha.

O que propomos?

Defendemos que a concepção de Lenin sobre o imperialismo não é esta. (Embora em alguns casos, em particular no termo ‘monopolista’, haja pontos de comunicação). Adicionalmente, consideramos que *a amplitude da difusão destes equívocos deve ser buscada em tripla raiz*: a) nas contradições do próprio desenvolvimento capitalista, cujo caráter crescentemente desigual favorece a reprodução ideológica do desenvolvimentismo nos países dependentes, ampliada ainda pela forma do sistema interestatal e pela fetichização da reprodução da vida (isto é, pelo ocultamento das relações sociais através das quais reproduzimos nossas vidas); b) na hegemonia da lógica formal na reprodução societária capitalista, sendo mais fácil identificar e separar ‘elementos’ que buscar compreender a realidade em sua existência material, como totalidade, investigando suas determinações mais imediatas e aquelas mais essenciais – que sobredeterminam as primeiras e ao mesmo tempo não existem delas separadas; c) na frequente redução da concepção de Lenin à leitura de apenas um escrito, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, apartado do restante da obra do autor. Relacionada aos dois pontos anteriores, esta aproximação reducionista é – por isso mesmo – frequentemente desenvolvimentista e/ou formalista. Contribui assim para adulterar os aspectos mais férteis do conjunto da obra teórica e prática do revolucionário russo.

É deste terceiro ponto que aqui trataremos, em sua relação com os demais².

Julgamos que uma abordagem radicalmente materialista (e portanto histórico-dialética) sobre o conjunto da obra de Lenin permite o seguinte entendimento: a própria estrutura de seu mais famoso texto sobre o imperialismo – bem como a gênese teórico-conceitual desta categoria – respondem a uma ‘questão de método’³.

Imperialismo, fase superior do capitalismo não ‘elencas os traços do imperialismo’, como lhe é amiúde imputado: ao contrário (e em superação dialética de um procedimento formal de ‘listagem de traços’), Lenin neste texto ‘desmonta e remonta’ o imperialismo, como as cascas de uma cebola, em uma imagem livre que temos utilizado para ilustrar o método materialista histórico-dialético⁴.

Em outras palavras, aproxima-se da realidade a partir de suas determinações mais imediatamente perceptíveis (no caso, a corrida armamentista e a partilha política do mundo entre as grandes potências) e busca abstrair as particularidades das mesmas para compreender o que as determina mais fundamentalmente (a contradição entre coletivização da produção e privatização da apropriação, que se acentua como tendência histórica do próprio capitalismo, por meio da sobredeterminação essencial e universalizante da mercantilização na reprodução de nossas vidas). No movimento de exposição de suas conclusões, Lenin percorre e expõe a síntese deste continuado processo de abstrações, necessária à compreensão da materialidade das próprias determinações mais essenciais, que não ‘existem em abstrato’, embora requeiram um maior esforço de abstração para serem reconhecidas. Não é um simples ‘elenco de traços’.

É como se o revolucionário russo partisse da seguinte pergunta: o que ocorre quando o modo de produção capitalista já se universalizou o suficiente para subverter todas as demais relações de produção da vida ao redor do mundo? (Uma pergunta similar àquela que motiva também Rosa Luxemburgo, embora ambas cheguem a respostas distintas.)

O imperialismo, para Lenin, é esta universalização do próprio modo de produção capitalista. E não um ‘elemento’ de seu desenvolvimento. Muito menos, um ‘elemento externo’ aos países caracterizados como dependentes.

A gênese desta compreensão tem fundamento em sua própria historicidade. Tem fundamento na realidade prática, como não poderia deixar de ser. O objetivo de *Imperialismo...* é buscar a relação entre a dinâmica da luta de classes e a própria expansão capitalista. Posicionar-se e influenciar as lutas travadas na II Internacional e em cada partido, sobre a caracterização da guerra deflagrada em 1914 e sobre as táticas a serem adotadas frente a ela. Buscar as raízes mais profundas daquele conflito armado.

E suas raízes mais profundas não estão na guerra. Ou nas dinâmicas de intervenção mais visíveis. Ou na partilha do mundo em si. Estão na própria tecitura da reprodução capitalista.

Parafraseando o marxista polonês Roman Rosdolsky, em uma brincadeira que pensamos ter grande fundo de verdade, o que propomos são breves considerações sobre ‘a gênese’ e ‘a estrutura’ daquele emblemático texto, que ao mesmo tempo encontra tanta base material para reducionismos, não apenas nos termos de sua redação, mas em sua continuada gênese no movimento da história.

Considerações sobre a gênese de Imperialismo, fase superior do capitalismo

A ‘controvérsia clássica’ do imperialismo não foi uma disputa somente pela caracterização do imperialismo. Constituiu uma disputa *sobre a caracterização do próprio capitalismo e sobre a estratégia e táticas que deveriam ser adotadas pelo movimento comunista* no início do século XX⁵. Suas questões de fundo seguem vigentes: é possível superar o imperialismo sem a superação do próprio capitalismo? É desejável lutar por processos de revolução burguesa, ou de aliança com a burguesia, como objetivo do próprio proletariado em sua construção como classe?

Atualizando e puxando o debate para a periferia, podemos perguntar-nos: uma perspectiva desenvolvimentista pode ser eficaz no combate ao imperialismo?

Ao constituir-se como controvérsia sobre a caracterização do próprio capitalismo, os embates acerca do imperialismo são de fato controvérsias sobre o *caráter da revolução*.

O termo ‘imperialismo’ se disseminou em meados do século XIX e se diferencia do vocábulo ‘imperial’ (cujos análogos eram utilizados em muitas línguas indoeuropeias para referir-se a formações como o Império romano, os Impérios dinásticos-militares feudais ou o próprio Império britânico). A disseminação de um novo termo – que se perdeu nas más compreensões e más traduções subsequentes – denota a novidade do período histórico⁶, cujo prenúncio já era percebido inclusive por Marx, em suas análises sobre os EUA ou sobre a relação entre centralização e composição orgânica do capital. Ela desponta nos textos da classe trabalhadora europeia ao redor de 1875, referindo-se às disputas militares entre potências. Mistura-se ao termo ‘imperial’ nas menções ao ‘imperialismo do Império Britânico’ durante o segundo período de Disraeli. Na II Internacional, torna-se objeto central de debate a partir do V Congresso, de Stuttgart (1907), no qual se indicou o caráter ‘imperialista’ da escalada armamentista que ameaçava com a deflagração de uma guerra de proporções inéditas. Este caráter foi reafirmado em 1910 e 1912.

O mote da dissolução da II Internacional foi o não cumprimento daquelas resoluções sobre a guerra. Trouxe consigo a necessidade de maior precisão deste ‘caráter imperialista’. Naquele que se tornaria seu último Congresso (Basileia, 1912), o conjunto do movimento social-democrata (SD) aprovava a luta pela redução dos orçamentos militares, baseada naquela caracterização. Ao mesmo tempo, reivindicou a “guerra à guerra” e a iniciativa dos partidos SD pela “transformação da guerra imperialista em Guerra Civil”, inspirada pela Comuna de Paris, e pela tomada do poder em cada país/região, caso a guerra não pudesse ser evitada⁷. Ao contrário do determinado, quando em 1914 o Império Austro-Húngaro respondeu à morte de Francisco Ferdinando Habsburgo com a declaração aberta de uma guerra já anunciada há anos, os socialistas votaram a favor do orçamento militar adicional em todos os parlamentos nacionais, com a honrosa exceção dos socialistas sérvios, da fração bolchevique do POSDR, dos socialistas letões e de Karl Liebknecht, que se opôs à maioria do SPD.

O famoso *Manifesto de Basileia* terminaria se convertendo em libelo anti-imperialista e símbolo do reformismo e da falência política da II Internacional. Uma nova Conferência Socialista Internacional seria convocada para 1915, na cidade suíça de Zimmerwald (território neutro), com o prolongamento da guerra. Não pôde, contudo, ser levada a cabo de maneira unitária. Seus delegados mais à esquerda plasmaram posição conjunta no documento *A guerra mundial e as tarefas da social-democracia* [1915] e ficaram conhecidos como ‘Esquerda de Zimmerwald’.

A história da Esquerda de Zimmerwald é pouco conhecida. E a desistoricização contribui sempre para a fetichização. É neste agrupamento que surge o posicionamento claro de que o imperialismo não correspondia a um ‘elemento’ do capitalismo, mas sim *a uma nova fase do próprio capitalismo*, particularmente nas formulações de Vladimir I. Lenin e de Rosa Luxemburgo⁸.

Ao definir o imperialismo como a fase histórica de expansão do próprio modo de produção capitalista, Lenin considera que se reduz o espaço para um caráter progressista do capitalismo. O que é antagônico à concepção de que um projeto de caráter nacionalista (pretensamente anti-imperialista mas que presume algum grau de conciliação de classes) é positivo para a classe trabalhadora. Esta visão é, contudo, muitas vezes atribuída a Lenin.

Em parte, devido à visão positiva do autor sobre as lutas anticoloniais (que é transposta mecanicamente aos países dependentes a partir do entendimento – explícito ou não – de que estes seriam países *semicoloniais*, o que deixa de lado a compreensão sobre a divisão internacional do trabalho e o caráter *capitalista* do capitalismo dependente). Em parte, devido à proposição da Nova Política Econômica – NEP (deixando de lado a compreensão de que esta não foi proposta como etapa transitória para a tomada do poder, mas sim *após* a tomada do poder). Nas palavras de Lenin, a transformação da vida pela indústria mecanizada “constitui um gigantesco progresso na sociedade capitalista [...] Este progresso, assim como todo progresso no capitalismo, é acompanhado pelo ‘progresso’ também das contradições, isto é, por sua agudização e extensão” (LENIN, [1897] 1981).

Em sua percepção, os superlucros derivados da exportação de capitais (mal-entendidos pelo revolucionário russo como advindos de preços de monopólio) constituiriam, nos países imperialistas, a base da cooptação da classe trabalhadora e do crescimento do ‘oportunismo’, entendido como difusão da ideologia burguesa na classe trabalhadora. O combate à formação de uma ‘aristocracia operária’ na Europa é a finalidade última de *Imperialismo...*. Esta é uma das mais férteis categorias leninianas, bastante útil à análise do período subsequente (o assim chamado Estado do bem-estar social, horizonte utópico máximo do desenvolvimentismo, no qual o próprio imperialismo se reconfigura – e que constitui a um só tempo conquista e cooptação da classe trabalhadora, com base em transferências de valor provenientes dos países dependentes, no contexto da existência da URSS e dos rescaldos da II Guerra Mundial).

A Esquerda de Zimmerwald constituiu o primeiro salto orgânico de uma nova organização Internacional, debatida desde 1914, reunida em 1916 na Conferência de Kienthal, mas que só teria possibilidade de efetivar-se em 1919, após o fim do sítio imperialista à Rússia Soviética. Reivindicando as raízes do *Manifesto do Partido Comunista*, a III Internacional se autodenominaria Internacional Comunista (*Kommunistische Internationale*, ou Komintern), assim como os Partidos que, em cada país, nasceram da ruptura revolucionária com a social-democracia.

Defendemos que, na qualidade de controvérsia sobre a caracterização do capitalismo na virada para o século XX, a controvérsia sobre o imperialismo recolhe em si outras controvérsias de maior antiguidade no movimento socialista, a saber: sobre a ‘questão colonial’, sobre a ‘questão nacional’, sobre ‘o surgimento de monopólios’, sobre ‘o capital financeiro’ e sobre a forma da acumulação capitalista. Todas elas catalisadas pela Guerra?

O texto de Lenin não é um texto acadêmico que elege o imperialismo como objeto de estudo. É um texto político, destinado à luta teórica (nas palavras de Engels, ou, na definição do próprio Lenin, à luta ideológica [1902] 1981) que compõe a práxis revolucionária, cujo sujeito tem necessariamente de ser coletivo.

Nele, o significado da noção de *fase* busca desvelar as determinações do reformismo na reconfiguração da luta de classes frente à expansão do capitalismo como modo de produção. Nas primeiras versões de *Imperialismo...*, o título indica a ‘novíssima’ fase do capitalismo, não sua fase superior. (Em expressão traduzida do russo ao português como ‘mais recente’). Este é o ponto fulcral da caracterização do imperialismo como fase e da contraposição à sua caracterização como mero conjunto de políticas. E é precisamente este ponto que é amiúde deixado de lado.

É notável a capacidade teórica com que Lenin relaciona particularidades do movimento histórico na Rússia a determinações do movimento histórico geral da socialidade capitalista, apreendidas a partir da análise de Marx em *O capital*¹⁰. O autor considera – e, ressalte-se, com rigor metodológico raríssimo nos integrantes da II Internacional – que o modo de produção capitalista é caracterizado essencialmente pela compra e venda da força de trabalho, cujo surgimento pressupõe historicamente, por sua vez, a generalização da compra e venda de mercadorias na reprodução material da vida (cf. LENIN [1894b] 1981). Esta análise, motivada pelo embate político com o ‘populismo russo’ e com o ‘marxismo legal’, fundamentaria suas formulações sobre o caráter desigual do desenvolvimento capitalista, *não apenas entre os países, como também no interior de cada unidade nacional*¹¹.

Lenin destaca, vinte anos antes de redigir *Imperialismo...*, três ‘fases’ do desenvolvimento da própria sociabilidade capitalista, que correspondem aos capítulos da 4ª seção do livro I do *Capital*: a cooperação, a manufatura e a moderna indústria – denominado à época pelo autor, exatamente, como “a fase superior do capitalismo” (cf. LENIN [1894a] 1981)¹².

O eixo de sua interpretação sobre o movimento histórico da sociabilidade capitalista é a exposição de Marx sobre a dinâmica entre relações sociais de produção e forças produtivas. Na medida em que as relações sociais de produção especificamente capitalistas condicionam o desenvolvimento das forças produtivas (entendido não meramente em sentido tecnológico, mas de maneira mais próxima à definição de Marx e Engels sobre o ‘afastamento das barreiras naturais’), este subverte as bases da reprodução material das próprias relações de produção, no movimento histórico do surgimento e expansão do modo de produção especificamente capitalista¹³.

Lenin entende o imperialismo como expansão da indústria mecanizada ao redor do mundo e aprofundamento da divisão social do trabalho. Ou, de alguma maneira, como ‘capitalismo maduro’, cujo conteúdo é o incremento da socialidade.

Importante destacar que não se trata, nem em Lenin, nem em Marx, de uma historiografia evolutiva. Ou, em outras palavras, da identificação mecanicista e formal de ‘fases sucessivas’ do capitalismo que cada país poderia atravessar *individualmente*. O objetivo de Marx em *O capital* não é ‘contar a história’ do capitalismo – muito menos ‘contar uma historinha’ do capitalismo. É *partir da história* para compreendê-lo, o que é bastante diferente (e necessário inclusive para a adoção de uma perspectiva historiográfica materialista)¹⁴.

A menção a ‘fases’ remete às contradições do afastamento das barreiras existentes à reprodução da vida (desenvolvimento das forças produtivas) sob determinadas relações de produção, que assim também se (re)produzem. Fruto da ação de mulheres e homens que fazem a história, embora em condições que não escolhem. Só pode ser entendida *em uma visão sobre o conjunto do modo de produção capitalista*

e sua tendência ao incremento da socialidade, ainda que sempre condicionada a uma divisão territorial/internacional do trabalho.

Não existem 'fases separadas' para o desenvolvimento capitalista nos distintos países. É precisamente esta apreensão equivocada que muitas vezes embasa a má definição do imperialismo como 'elemento externo' aos países dependentes (imposto a partir de fora com aliados internos) e reproduz, mesmo reivindicando a definição leninista do "imperialismo como uma fase do capitalismo", uma compreensão formalista e desenvolvimentista sobre o mesmo (com sérias implicações táticas e estratégicas).

O entendimento de Lenin sobre a expressão 'fase mais recente' ou 'novíssima fase' reconhece-a como "expansão da indústria mecanizada", que "eleva as forças produtivas ao máximo e socializa o trabalho em toda a sociedade", "destrói a divisão do trabalho própria da manufatura" e "obriga os operários a passarem de um trabalho ao outro" (isto é, expande a compra e venda da força de trabalho e o surgimento efetivo do trabalho abstrato), ao passo em que acentua a concentração e centralização de capital ([1897] 1981).

É claríssima a relação entre esta concepção e as formulações de Marx acerca da 'tendência histórica da acumulação capitalista'¹⁵. Inclusive no que tange à percepção do proletariado como classe capaz da negação da negação (utilizada na apreensão do imperialismo como *última* fase do capitalismo, que seria a mais reproduzida nos manuais com raiz no *Diamat*). O aprofundamento das contradições contém em si a base de sua negação, que, contanto, ainda não existe¹⁶.

O objetivo de Lênin não é compreender o imperialismo, mas derrubá-lo. E sua compreensão do imperialismo como tecitura capitalista é o que permite concluir que é impossível modificá-lo por meio de reformas. O movimento histórico da própria sociabilidade capitalista – e não o 'aumento da violência', as 'intervenções externas' ou mesmo 'o surgimento do capital financeiro' – é, na verdade, o conteúdo central da análise de Lenin.

É este conteúdo que permite inclusive uma compreensão materialista mais atual sobre as transferências de valor como sobredeterminantes da reprodução do capitalismo/imperialismo e da divisão territorial/internacional do trabalho¹⁷. Tais transferências, de vários tipos, têm sua base naquelas ocorridas internamente ao capital industrial e fundadas nos diferenciais de produtividade e de composição orgânica do capital. Elas sobredeterminam a disputa pela partilha do mundo e não se resolvem 'colocando para fora o invasor', quer o entendamos como conjunto de exércitos imperialistas, quer o entendamos como conjunto de empresas imperialistas.

A gênese real da teoria do imperialismo e das controvérsias que a demarcam radica nas próprias "camadas" do fenômeno em si, em continuado movimento.

Considerações sobre a estrutura de Imperialismo, fase superior do capitalismo

Uma apreensão marxista deve reconhecer que as categorias não "existem em abstrato". Deve buscar compreendê-la como totalidade na qual coexistem determinações universais, particulares e singulares. Totalidade na qual o mais essencial à própria reprodução da realidade social sobredetermina

esta reprodução e tende, precisamente por isso, a se universalizar. Deve compreender a si mesma, enquanto formulação teórica, em seu papel na relação com a realidade prática.

É notório que, em sua exposição “clássica” sobre o imperialismo, Lenin indica uma definição geral e depois a desdobra em cinco traços fundamentais¹⁸. O que não é tão debatido (e o autor não explicita) é o porquê desta exposição – e da ordem na qual é feita. Afinal, por que não definir o imperialismo como “capitalismo financeiro”? “Capitalismo exportador de capital”?

Em seus *Cadernos do imperialismo*¹⁹, é possível constatar que Lenin elaborou três planos para a estrutura do ensaio que pretendia escrever, todos eles bastante semelhantes entre si e condizentes com a estrutura final, parecendo inspirar-se naquela empregada por Marx em *O capital* e na decisão de não adiantar diretamente as conclusões de sua investigação.

Não se trata simplesmente de uma relação formal de enumeração (como é comumente entendida), mas da identificação de determinações e sobredeterminações, expondo primeiramente aquelas consideradas mais essenciais. Lenin define o imperialismo pelo traço que lhe parece fundamental, como vimos na seção anterior, desdobrando-o em seguida nos demais traços. Esta clareza é indispensável para bem compreendermos sua formulação sobre o imperialismo.

Já desde as obras de sua juventude, salta aos olhos a capacidade de Lenin na identificação da historicidade da essência (fundada na socialidade e em sua reprodução ampliada) e em evitar sua abstração idealista, ainda que condicionado pelas limitações de sua época²⁰.

Lenin parte da Grande Guerra e a ela retorna. Parte da realidade imediata, cuja compreensão se coloca como tarefa. Em seu próprio “descascar da cebola”, isto é, no processo de investigação, percebe que a corrida armamentista e a partilha política do mundo entre as grandes potências (que eram efetivamente o tema em debate na II Internacional) são sobredeterminadas por uma disputa pela partilha econômica do mundo entre capitais de distintas nacionalidades. Sendo ela mesma sobredeterminada, portanto, pela exportação de capitais como novo processo – que passa a predominar em relação à exportação de mercadorias a partir dos países mais industrializados. Há que se entender, portanto, o que determina este fluxo de capitais exportados. E é assim que Lenin chega ao entrelaçamento entre capital bancário e capital industrial. E, especialmente, ao salto na escala de concentração e centralização de capitais que o sobredetermina – amplamente apontado por Marx no capítulo 23 do livro I de *O capital* e que não fôra enfatizado desta maneira por Rudolf Hilferding em sua formulação original sobre o ‘capital financeiro’. É esta tendência à concentração e centralização progressivas da apropriação, em contradição com o caráter cada vez mais coletivo da produção – determinada pelo salto na expansão da própria sociabilidade capitalista – que, como referimos, constitui para Lenin o “miolo da cebola” (ou o conjunto de determinações mais essenciais do imperialismo). E que o configura, portanto, como fase histórica do capitalismo entendido enquanto totalidade.

Todos estes elementos já estavam descritos na obra de outrxs autorxs da época, mas não haviam sido sistematizados ou expostos desta maneira. E, menos, tendo como cerne a identificação de um salto no processo de concentração e centralização de capitais, fundada na compreensão da ‘tendência histórica do capitalismo’ e da essencialidade da mercantilização²¹.

Não apenas o método de investigação, mas também a ordem de exposição é condizente com o pressuposto materialista. Se fizermos o raciocínio inverso, “lendo o livro ao contrário” a partir das determinações mais fenomênicas até as mais essenciais (que também têm existência concreta, embora apreensíveis apenas a partir de um maior esforço de abstração), é possível verificar facilmente o que apontamos sobre a estrutura do opúsculo.

Podemos sempre encontrar limitações, mas não há nada de esquemático ou arbitrário na escolha do autor por caracterizar o capitalismo como ‘capitalismo monopolista’ e em seguida listar seus ‘traços fundamentais’. A ordem de exposição se dá de modo inverso ao processo de investigação, apresentando os continuados esforços de síntese, “remontando a cebola” para xs leitorxs. Parte da exposição das determinações mais essenciais (a concentração e centralização de capitais) para chegar àquelas mais imediatas e por elas sobredeterminadas (a corrida armamentista e a guerra). Uma estrutura análoga àquela proposta por Marx em *O capital* e nela baseada, até mesmo no que se refere à exposição final das tendências históricas e ao lugar da crítica “monográfica” a outros posicionamentos (que, no caso de Marx, foi publicada postumamente na edição organizada por Kautsky das *Teorias da mais-valia*).

Pode parecer anacrônico ou exagerado imputar a Lenin esta clareza sobre o método de investigação de Marx. Temos segurança de que não o é. Além da evidente constatação de sua intimidade com a investigação dialético-materialista, depreensível de seus muitos textos políticos, há indícios de que o próprio Lenin já havia estudado a questão, apreciando-a, inclusive, em relação à estrutura da investigação e da exposição preconizadas por Marx na elaboração de *O capital* (cf. LENIN, [1914a], 1984). Claro está que os *Grundrisse* ainda não haviam sido editados por Riazanov [1939], ou estudados por Rosdolsky [1968, como resultado de 20 anos de trabalho]. Mas diversos textos já permitiam entrever esta relação entre método e estrutura textual, como a “Introdução” à *Crítica da filosofia do direito de Hegel* [1844], ou o “Prefácio” escrito por Marx em 1859 para sua *Contribuição à crítica da economia política*. Embora não seja de nosso conhecimento qualquer registro específico, nas *Obras completas* de Lenin, da leitura também da “Introdução” escrita por Marx em 1857 (que hoje integra os *Grundrisse*), sabe-se que esta “Introdução” foi editada e publicada em separado por Kautsky, em 1903, e é muito pouco provável que Lenin não a tenha estudado. Lenin também foi o tradutor ao russo dos quatro volumes da *Correspondência* de Marx e Engels com dirigentes socialistas, publicada em 1913. (Lenin era um tradutor prolífico, tendo possibilitado o acesso inclusive a uma série dos textos fundacionais sobre o capital financeiro, como *A evolução do capitalismo moderno*, de John Hobson.) É bastante provável que, em 1917, Lenin houvesse lido não só o conjunto da obra de Marx e Engels publicada até aquele momento em diferentes línguas, como parte da obra não publicada.

Problemas com a conceituação e compreensão do termo ‘monopolista’

O termo ‘monopólios’ (e ‘monopolista’) tem duplo sentido na obra de Lenin. Um deles consiste num equívoco analítico do próprio autor, em nossa opinião. O outro traz os aspectos políticos mais importantes de sua compreensão sobre o imperialismo. Infelizmente, o sentido que consideramos

equivocado é aquele no qual são mais frequentemente compreendidos e reivindicados os termos ‘monopólio’ e ‘monopolista’ nas leituras sobre Lenin. Enquanto o outro – aquele que consideramos muito fértil – é reiteradamente despercebido. Examinemos brevemente a questão, por sua importância para a temática em tela, mas sem poder contudo aprofundá-la neste espaço.

A compreensão equivocada sobre ‘monopólios’ alude à noção neoclássica de monopólio na teoria econômica burguesa (como acaparamento total ou parcial do mercado) e se contrapõe a uma pretensa e idealizada ‘livre concorrência’, que de fato não existe e nem nunca existiu no capitalismo²². Julgamos que é mais difundida – e sim está presente na obra de Lenin – não apenas porque é ideologicamente hegemônica em nossa sociedade, mas também (e isso se relaciona à sua hegemonia) porque se remete às “cascas mais externas da cebola”, à esfera da circulação, mais visível e fetichizada. A fetichização presente nesta acepção reside na má percepção da relação entre preços de mercado e preços de produção e na ilusão de que a não correspondência entre preço e valor estaria contra a ‘lei do valor’ formulada por Marx. Na realidade, a adequada leitura dos livros 2 e 3 de *O capital* permite compreender que preços e valores nunca coincidem, a menos por um acaso improvável. Nesta apreensão equivocada, porém, os preços de produção são entendidos como ‘preços de equilíbrio’, reproduzindo uma noção de equilíbrio presente apenas na teoria econômica burguesa e que inexistia em Marx. Os diferenciais de produtividade e a distinção entre valor efetivamente produzido (unitário), valor socialmente apropriável e valor efetivamente apropriado simplesmente não são vistas. Postula-se um falso ‘problema da transformação’ dos valores em preços.

O principal problema político desta apreensão é que idealiza uma fase pretensamente ‘livre-concorrencial’ do capitalismo (que nunca existiu) e dificulta a correta compreensão sobre a origem e aprofundamento de parcela importante das transferências de valor neste modo de produção, inclusive entre países. Encontra nos preços de monopólio (e não na mais-valia extraordinária) a origem dos superlucros, acarretando a possibilidade de que imaginemos acordos muito mais estáveis entre os grandes conglomerados capitalistas do que efetivamente o são. Ao mesmo tempo, dificulta a percepção sobre o tamanho dos diferenciais de produtividade entre países centrais e países dependentes, *que são de fato insuperáveis dentro do capitalismo* – o que implica que um processo capitalista “nacional e autônomo” de industrialização jamais poderia superar a dependência e que o socialismo requer necessariamente a tomada dos meios de produção.

Trata-se de uma questão bastante delicada, pois importantes obras da história do marxismo partem desta compreensão reducionista sobre o termo ‘monopólios’. Destaquemos, por exemplo, *Capital monopolista*, de Paul Baran e Paul Sweezy [1966] – mal-traduzido ao português como “capitalismo monopolista” – e *Capitalismo monopolista e serviço social*, de José Paulo Netto, que se baseia fundamentalmente na obra de Baran e Sweezy.

A outra acepção na qual o termo ‘monopólios’ aparece na obra de Lenin é como sinônimo de ‘conglomerados’. Esta, sim, reflete o que indicamos anteriormente sobre a compreensão do autor acerca da historicidade da socialidade capitalista, fundada no aumento da divisão social do trabalho e na mercantilização (e, portanto, na contradição entre coletivização da produção e concentração da

apropriação). Raramente esta acepção é percebida, contudo. Ou, quando o é, aparece em conjunto com a outra.

Pensamos que ela pode inclusive contribuir para a correta apreensão dos processos de transferência de valor, na medida em que permite captar a realidade concreta da generalização da ‘lei do valor’, percebida em muitxs autorxs somente como uma lei abstrata, ‘desdobrada’ idealisticamente na realidade – e não em sua existência concreta como conjunto de determinações decorrente do incremento da socialidade, da divisão social do trabalho e da mercantilização, essenciais para a historicização da compreensão sobre o imperialismo.

Outras temáticas poderiam ser levantadas, como a conceituação do ‘capital financeiro’. Escapam, contudo, ao escopo deste trabalho.

Considerações finais

O imperialismo em Lenin não se restringe a um ‘nível de análise’. *Não é a análise da reprodução capitalista no plano interestatal.* Tampouco constitui um ‘elemento’ da reprodução capitalista e, menos ainda, um elemento imposto desde fora aos países dependentes e que não impregna a própria reprodução capitalista nos mesmos (e a reprodução cotidiana de nossas vidas, individual e coletivamente). Não é sinônimo de ‘ação das potências imperialistas’. Não é uma fase atingida apenas por alguns países.

O imperialismo é, portanto, a tecitura do próprio capitalismo, a partir de sua ampla universalização e aprofundamento ao final do século XIX.

O marxismo, por sua vez, é também construção histórica. E a continuada conceituação das categorias, como determinações do real em movimento, está ela também sempre em disputa. Não é desejável desconsiderar a vinculação intrínseca, na obra de Lenin, entre sua visão sobre o marxismo, sua análise do imperialismo e sua prática revolucionária. A 150 anos de seu nascimento, reivindicamos os aspectos de sua obra mais férteis para a luta revolucionária.

Referências:

Não referenciamos a seguir todas as obras de Lenin consultadas para esta formulação, apenas aquelas citadas diretamente. O conjunto completo está disponível para exame em nossa dissertação e tese de doutoramento.

CALLINICOS, A. **Imperialism and global political economy.** Cambridge: Polity Press, 2009.

CARONE, E. **A II Internacional pelos seus congressos (1889-1914).** São Paulo: Editora Anita/Edusp, 1993.

CORREA, H. F. S. **Teoria do Imperialismo no séc. XXI:** (In)adequações do debate no marxismo. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia. Universidade Federal Fluminense, 2012.

GOUVÊA, Marina Machado. **Aproximação ao debate marxista sobre a caracterização do capitalismo na virada para o século XX.** Dissertação (Mestrado em Economia Política Internacional) – IE/UFRJ. 2012.

GOUVÊA, Marina Machado. **Imperialismo e método:** apontamentos críticos sobre problemas de tática e estratégia. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) – IE/UFRJ. 2016.

GOUVÊA, Marina Machado. “Considerações sobre marxismo, filosofia da práxis e ‘questão social’ “. In: **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social.** Vitória, 2017

GOUVÊA, Marina Machado. **Lendo O capital na quarentena**. Curso de formação política. 2020. (66hs). Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC-OEvXAYI0EcIWc-ngmQz3A>>. Acesso em: 08 out. 2020.

LENIN, V. I [1893]. El llamado problema de los mercados. In: _____. **Obras Completas**, v.1. Moscou: Progreso, 1981.

LENIN, V. I [1894a]. Quiénes son los 'amigos del pueblo' y cómo luchan contra los socialdemócratas. In: _____. **Obras completas**, v.1. Moscou: Progreso, 1981.

LENIN, V. I [1894c] Contribución a la caracterización del romanticismo económico. In: _____. **Obras completas**, v.1. Moscou: Progreso, 1981.

LENIN, V. I [1897]. El romanticismo económico. In: _____. **Obras completas**, v.3. Moscou: Progreso, 1981.

LENIN, V. I [1903]. Qué hacer? In: _____. **Obras completas**, v.6. Moscou: Progreso, 1981.

LENIN, V. I [1909]. **Materialismo e empiriocriticismo**. Notas e Críticas sobre uma Filosofia Reacionária. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1946.

LENIN, V. I [1914a] Carlos Marx. In: _____. **Obras Completas**, v.26. Moscou: Progreso, 1984.

LENIN, V. I [1914b]. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

LENIN, V. I [1915a] La bancarrota de la II Internacional. In: _____. **Obras completas**, v.26. Moscou: Progreso, 1984. p.219-280.

LENIN, V. I [1915b] El socialismo y la guerra. In: _____. **Obras completas**, v.26. Moscou: Progreso, 1984. p.297-300.

LENIN, V. I [1917]. El imperialismo, fase superior del capitalismo. Ensayo popular. In: _____. **Obras completas**, v.27. Moscou: Progreso, 1985. p.324-449.

LENIN, V. I [1933-1938] Cuadernos sobre el imperialismo. In: _____. **Obras Completas**, v.28. Moscou: Progreso, 1986. 583p.

LUKÁCS, G [1924]. **Lénine**. Paris: EDI, 1965.

LUXEMBURGO, R [1916a]. A crise da social-democracia. In: LOUREIRO, Isabel (org.). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**, v.2. São Paulo: Unesp, 2011. pp. 15-144.

LUXEMBURGO, R. [1916b]. Teses. In: LOUREIRO, Isabel (org.). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**, v.2. São Paulo: Unesp, 2011. pp. 11-14.

SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century: globalization, super-exploitation, and capitalism's final crisis**. New York: Monthly review Press, 2016.

SOBOLEV et al. (INSTITUTO DE MARXISMO-LENINISMO, LIGADO AO CC DO PCUS). **La internacional comunista: ensayo histórico sucinto**. Moscou: Progreso, s/d.

ZIZÉK, Slavoj [2005]. **Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917**. São Paulo: Boitempo, 2017.

Notas

¹ Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ. Economista, doutora em Economia Política Internacional (IE/UFRJ). Coordena o Grupo de Estudos em Teoria da Dependência (GETD/Unila) e é pesquisadora do CLACSO, no GT Economia Mundial e Crise. Compôs as diretorias da Sociedade Brasileira de Economia Política (2018-2020) e da Sociedade Latino-Americana de Economia Política e Pensamento Crítico (2016-2022). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6495751035479793>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0938-3971>. E-mail: marinagouvea@gmail.com.

² Uma rápida pesquisa no Google Acadêmico pelos termos “lenin” e “imperialismo” ilustra esta realidade. Aponta 31.700 resultados. Dentre os 30 resultados mais relevantes (ordenados pelo próprio Google) que citam diretamente Vladimir I. Lenin, 73% citam apenas *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. 91% incorrem em algum dos equívocos que mencionamos anteriormente. As *Obras Completas* de Lenin foram reunidas em mais de 50 volumes, somando 35 mil páginas e nunca foram traduzidas ao português (utilizamos a versão em espanhol). O imperialismo é tratado ao longo de toda a obra. Se não temos uma visão idealista

do marxismo, claro está que tal reducionismo não pode ser dissociado da morte de Lenin e da necessidade de redução de sua obra a um conjunto formal de princípios, que dariam origem ao *Diamat* – base da formação de todos/as os/as comunistas. Não cabe neste momento problematizar os méritos e problemas do *Diamat*, mas o conteúdo desenvolvimentista e formalista do aspecto aqui tratado.

³ Com ‘questão de método’ não queremos indicar a adoção de algum método pronto e acabado, a ser ‘aplicado’ para o conhecimento da realidade. Ou a uma lista pronta de categorias a ser ‘aplicada’ de maneira análoga. Referimo-nos à adoção de um pressuposto efetivamente materialista, que requer tomar a própria realidade material (da qual fazemos parte), como finalidade, fundamento e continuado critério da formulação teórica. A pretensão de ‘aplicação’ do método materialista-dialético é uma caricatura da ciência burguesa, fundamentada nas contradições da própria sociedade em que vivemos e que continuamente (re)produzimos.

⁴ Para maior detalhamento, cf. GOUVÊA, 2016 e 2017. Bases filosóficas desta metáfora específica foram por nós também abordadas em curso que ofertamos recentemente, cf. GOUVÊA, 2020.

⁵ Defendemos esta concepção em GOUVÊA, 2012 e 2016.

⁶ Apresentamos um breve debate sobre esta diferenciação em GOUVÊA, 2016, p.26-29. Note-se também que a periodização do imperialismo é similar nxs seis principais autorxs que compõem a ‘controvérsia clássica’, apesar da diferença substancial em suas caracterizações. O “nascimento” do imperialismo é apontado no período entre 1865 e 1880, sendo encontradas também referências específicas às crises de 1873 e 1903 como pontos de inflexão, nas obras de Lenin, Luxemburgo e Bukharin (cf. GOUVÊA, 2012).

⁷ Cf. Carone, 1993 e Sovolev, s/d.

⁸ Apresentamos um quadro-síntese das distintas definições no 4º capítulo de GOUVÊA, 2012. É neste processo que são escritos, por exemplo., *O socialismo e a guerra* ([1915b] 1984) e *A bancarrota da II Internacional*, pelo próprio Lenin ([1915a] 1984), e *A crise da social-democracia*, por Rosa Luxemburgo ([1916a] 2011) – o famoso “Folheto de Junius” –, acompanhado pelas *Teses* que levam o mesmo pseudônimo ([1916b] 2011). Também aí Lenin inicia os fichamentos para a redação do opúsculo *Imperialismo, fase superior do capitalismo* (ou, no original, ‘novíssima’ fase do capitalismo), recolhidos hoje nos *Cadernos do imperialismo* ([1933-38] 1986).

⁹ Cf. GOUVÊA, 2012.

¹⁰ *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* ([1898] 1985) demonstra imensa capacidade nesse sentido. Na opinião de Lênin, apesar da não expropriação dos trabalhadores russos em relação à terra, poder-se-ia identificar no Império Russo um processo de acumulação primitiva de capital fundado na renda da terra, que constituíra paulatinamente as condições necessárias para a existência de relações de produção capitalistas que determinariam concreta e essencialmente o caráter capitalista da formação social russa. Este esforço analítico caracteriza seus muitos textos de crítica ao ‘populismo russo’ e ao ‘marxismo legal’.

¹¹ A crítica de Lenin ao populismo se centra no combate à ideia de uma “volta atrás na roda da história”, similar àquela criticada por Marx e Engels em seu *Manifesto do Partido Comunista*. Notabilizou-se ainda pelo combate à visão subconsumista que considera como necessária a constante expansão capitalista para um “mercado externo”, imbricada também nas formulações de Sismondi. São interessantíssimas suas considerações sobre o tema, reveladoras de uma notável apreensão do materialismo-dialético e que poderiam ser proveitosamente confrontadas à análise realizada posteriormente por Rosa Luxemburgo ([1912] 1984) acerca dos esquemas de reprodução de Marx, em que pese toda a importância teórica e política de Luxemburgo. Podem ser encontradas, por exemplo, em Lenin ([1894a] 1981), ([1894c] 1981), ([1897] 1981) e ([1893] 1981).

¹² A leitura de Lenin sobre o livro I de *O capital* se distancia da mera interpretação quantitativa da exploração. Lenin aponta o conteúdo histórico das relações capitalistas. Corretamente, não considera a cooperação simples como necessariamente capitalista, ao passo em que a produção manufatureira já o é, dadas as relações de produção nela implicadas e apesar da inexistência (ou do emprego esporádico) de maquinário industrial. A indústria moderna, por sua vez, apesar de indissociável do advento da máquina-ferramenta (cujo surgimento é possibilitado pelos desafios práticos impostos à produção manufatureira pela própria divisão social do trabalho), tem existência social compreendida para além do desenvolvimento tecnológico. Em sua configuração como “moderno sistema fabril”, ela subverteria as relações de trabalho, generalizando a produção tipicamente capitalista (em uma compreensão bastante adequada sobre o momento predominante na reprodução capitalista). Em 1897 (1981), Lenin afirma que a teoria marxista teria estabelecido que “a indústria mecanizada é apenas uma etapa (precisamente a superior) da produção capitalista” e explícita que a mesma “saiu da manufatura”.

¹³ Esta compreensão é similar à de Rosa Luxemburgo, embora ambxs identifiquem raízes distintas neste movimento e tenham apreensões diferentes sobre o materialismo histórico-dialético.

¹⁴ Cf. GOUVÊA, 2020. *Loc. Cit.*

¹⁵ *O capital*, livro I, cap.24, ponto 7.

¹⁶ A interpretação do socialismo como negação histórica do capitalismo, ele mesmo negação histórica da propriedade coletiva e da propriedade privada individual, aparece em quase toda a obra de Lenin. É posta nestes termos exatos em seus textos sobre Marx, em seus estudos sobre o *Anti-Dühring* ([1909] 1946), em sua própria leitura e crítica de Hegel ([1914b] [[1929]] 2011), em seus apontamentos sobre a obra de Saint-Simon ([1933-38] 1986). O possível determinismo desta análise não é de tipo teleológico, mas de tipo causal: considera que uma situação inevitavelmente levará à outra – o aprofundamento das contradições capitalistas inevitavelmente levará ao socialismo. Não se trata de um determinismo completo e objetivista, contudo: a superação do capitalismo é considerada inevitável, daí a caracterização, em *Imperialismo...*, do “imperialismo como fase de transição para um regime superior [o socialismo]” (cf.[1917] 1985), mas não se sabe quando ocorrerá. Poderia se estender “por um longo período” (*idem*) – frase que, comum nos já referidos manuais do *Diamat*, é sempre citada nas análises sobre o socialismo. A duração deste ‘longo período’ dependeria das ‘condições subjetivas’, isto é, do aproveitamento subjetivo de uma ‘situação pré-revolucionária’, como aquela que se abre com a guerra imperialista: quando os de baixo já não querem ficar como estão, mas não sabem para onde ir, e os de cima já não podem ficar como estão, mas não têm para onde ir. Não por acaso, estes conceitos vieram a ser sistematizados na mesma época ([1915a] 1984). A concepção de Lenin sobre a fatalidade da revolução socialista decorrente do próprio movimento expansivo da socialidade humana de maneira geral é um elemento que se mantém inclusive em autores críticos ao *Diamat*, como György Lukács.

¹⁷ Cf., com distintos posicionamentos, Callinicos (2009) e Smith (2016), embora apenas Smith reconheça o mérito desta compreensão de Lenin.

¹⁸ O imperialismo, na interpretação do revolucionário russo, é definido como “capitalismo monopolista” e consiste em uma fase particular do capitalismo. São seus cinco traços fundamentais: (i) a concentração do capital e o surgimento dos monopólios industriais e bancários; (ii) o surgimento do capital financeiro e da oligarquia financeira; (iii) a exportação de capital; (iv) a partilha do mundo entre as associações de capitalistas; (v) a partilha do mundo entre as grandes potências. Os capítulos iniciais do livro se dedicam ao estudo sobre estes ‘traços’, na ordem aqui exposta (sendo dois deles dedicados ao ‘primeiro traço’, mais essencial). Permitindo, no 7º capítulo, compreendê-lo como “fase particular do capitalismo” a partir da síntese do exposto anteriormente, como concreto pensado e problematizar no capítulo seguinte seu lugar histórico em termos da luta de classes. O capítulo 9º se dedica à crítica das formulações existentes à época sobre o imperialismo e o capítulo 10º reafirma uma formulação marxista.

¹⁹ Organizados postumamente entre 1933 e 1938 a partir dos estudos de Lenin para a elaboração, entre janeiro e junho de 1916, de *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Note-se que é a mesma época na qual se trabalhava, também na URSS, na organização dos *Cadernos filosóficos* de Lenin e dos *Grundrisse* de Marx.

²⁰ A compreensão de Lenin sobre o materialismo histórico-dialético também se faz presente no conjunto de sua obra – e não apenas em seus textos tidos como ‘filosóficos’, por exemplo. *Materialismo e empiriocriticismo* ou os estudos *Sobre a dialética*. Poucos marxistas liam os livros 2 [1885] e 3 [1894] de *O capital*, ou as monografias compreendidas nas *Teorias da mais-valia* [1905], à época de Lenin. Pouquíssimos liam Hegel. Lenin foi um deles. Seus textos políticos são aqueles que melhor expressam esta compreensão, em análises atinadíssimas. Não é por acaso que Lenin foi o principal dirigente na primeira experiência concreta de construção do socialismo. Sobre este aspecto da obra teórica e prática de Lenin, cf. LUKÁCS ([1924] 1965), ou ZIZEK ([2005] 2017).

²¹ O famoso conselho de “abstrair as árvores e enxergar o bosque”, por exemplo, é dado por Lenin a Riesser ([1917] 1985) precisamente ao indicar que a concepção daquele economista burguês acerca do “entrelaçamento” das unidades produtivas *deixava de fora seu conteúdo principal ou essencial: a concentração do capital como contrapartida contraditória do incremento da socialização da produção*.

²² Para um debate sobre a inexistência de uma fase “livre-concorrencial” no capitalismo e sobre a permanência e aprofundamento da concorrência na fase dita ‘monopolista’, sugerimos a leitura de CORREA (2012), embora não tenhamos acordo com a visão exposta pelo autor sobre o conjunto da obra de Lenin.

Recebido em: 09.10.2020
Aprovado em: 13.10.2020